

PENSAR A SUBSTÂNCIA EM FRANCISCO SUÁREZ – A RESPEITO DA *DISPUTATIO METAPHYSICA* XXXIII

Norbert Brieskorn SJ*

RESUMO – Francisco Suárez (1548-1617) publicou em 1597 sua obra-prima em metafísica, as *Disputationes metaphysicae*. Na trigésima terceira Disputa – o objeto deste artigo – Suárez defende *primeiramente* a substância sob três aspectos: como “ens per se” (uma entidade independente), como o que permanece no tempo, e como o suporte fundamental de acidentes. *Secundariamente*, ele utiliza três distinções com o objetivo de articular a noção de substância: substâncias completas e incompletas, substâncias perfeitas e imperfeitas, e a distinção entre substância primeira e substância segunda. Uma gota d’água, por exemplo, é uma primeira substância completa, mas relativamente imperfeita. Em comparação com ela, a alma humana é uma primeira substância incompleta, mas mais perfeita. A regra é: quanto mais perfeita, tanto mais incompleta. Por trás dessas distinções, Suárez elabora um aspecto dinâmico da substância. A abordagem é aristotélica, sem incluir aspectos de filosofia social ou filosofia existencial.

PALAVRAS-CHAVE – Francisco Suárez. Metafísica. Substância.

ABSTRACT – Francisco Suárez (1548-1617) published 1597 his metaphysical master-piece, the *Disputationes metaphysicae*. In the 33th Disputation – object of the article – Suárez is *firstly* defining the “substance” by three aspects: as “ens per se” (an independent entity), as perdurance in time, and as fundament supporting the accidents. *Secondly* he uses three distinctions in order to articulate the notion of the substance: complete and incomplete substances, perfect and imperfect substances, and the distinction between first and second substance. A drop of water is, for example, a complete, but relatively imperfect first substance, in comparison with it the human soul is an incomplete, more perfect first substance. The rule is: the more perfect, the more incomplete. Behind of these distinctions Suárez elaborates the dynamic aspect of substance. The approach is a very aristotelician one, without including aspects of social philosophy or existential philosophy.

KEY WORDS – Francisco Suárez. Metaphysics. Substance.

* Hochschule für Philosophie München.

Para Francisco Suárez (1548-1617), como para tantos outros filósofos antes dele, tratava-se de apreender conceptualmente a realidade. O que o distinguiu de muitos filósofos foi a finalidade pela qual o fez: ele se dedicou à Filosofia em função da Teologia. Colocou-se conscientemente dentro da tradição aristotélico-tomista e, a partir dela, desenvolveu seu sistema metafísico.¹ Contudo, a fim de poder abordar adequadamente a questão metafísica, desviou-se Suárez mais de uma vez de uma poderosa tradição e não se submeteu à ordem que Aristóteles havia seguido em sua *Metafísica*. Ele preferiu, antes, montar um modelo de apresentação próprio e, como escreveu, mais consentâneo, com um total de 54 *Disputationes*.² Embora tenha feito preceder à sua obra de 1597, de forma resumida, uma visão panorâmica sobre os livros da *Metafísica* aristotélica,³ e recomendasse suas *Disputationes metaphysicae*, com o argumento de que elas continham e examinavam toda a doutrina que se encontra contida nos doze livros da *Metafísica* aristotélica,⁴ contudo, a seguir, apresentou o conteúdo das *Disputationes*, por ele mesmo elaborado. Objeto da apresentação que se segue é tão-só a *Disputatio metaphysica* 33, a qual trata não apenas, mas, principalmente, da substância,⁵ e mesmo dela será examinada em detalhe tão-somente a primeira secção; haverei de dar apenas uma visão por alto da segunda secção.

A. Partindo da etimologia

Suárez inicia seu estudo com a etimologia de “substância”.⁶ *Substantia* provém ou de a) *subsistere*, ou de b) *substare*.⁷

Quanto a a). Se partimos de *subsistere*, então Isidoro de Sevilha nos ajuda na compreensão: “*Substantia id est, quod non ab alio, sed semper ex se est, id est, quod propria in se virtute subsistit*”⁸. Neste caso, o acento cai sobre “existir por si”; tal como a *subsistentia*, assim também encontra-se

¹ A respeito da compreensão de *Metafísica* de Suárez cf. HONNEFELDER. 1990, p. 200-294.

² FRANCISCO Suárez. *Disput. Metaph.* [a seguir: *DM*] 2, Introdução (Vivès XXV, p. 64): “*Ut enim majori compendio ac brevitate utamur, et conveniente methodo universa tractemus, a textus Aristotelici prolixa explicatione abstinendum duximus, resque ipsas, in quibus haec sapientia versatur, eo doctrinae ordine ac dicendi ratione, quae ipsis magis consentanea sit, contemplari*”

³ FRANCISCO Suárez. *Index locupletissimus*, in Vivès XXV, p. I-LXVI.

⁴ “*Disputationes metaphysicae universam doctrinam duodecim librorum Aristotelis comprehendentes*” (Vivès XXV, p. 1).

⁵ Na edição Vivès encontra-se a *DM* XXXIII no vol. XXVI, p. 329-47. Utilizo o texto encontrável na Internet sob “Suárez, Francisco”, trabalhado por Salvador Castellote em junho de 2004.

⁶ FRANCISCO Suárez. *DM* XXXIII, sect. I, nr. 1 (Vivès XXVI, p. 330ab).

⁷ Suárez não examina as palavras gregas *ousía* (in Aristóteles *Metaphysik* VII, 1 deve ser traduzida por ‘substância’) e *hypóstasis* (cf. a respeito Seidl 2001, p. 293).

⁸ ISIDORO de Sevilha. *Differentiarum* I, 4.

na *substantia* um “existir-por-si-mesmo” ou “subsistir-para-si-mesmo”. Substância é uma unidade autônoma, perfeita e independente, separada de outra, diferenciável desta e, por isso, de algum modo individual.⁹

Quanto a b). Também aqui começamos com Isidoro: “Substantia est, quae proprie et principaliter substare dicitur”.¹⁰ A substância coloca-se sob algo e o suporta,¹¹ o que é expresso em grego, segundo Agostinho, com a palavra *hypokeímenon*.¹² Com isso, o acento recai sobre o fundamento, a base que prende em si os acidentes ou, no sentido em que dizemos da primeira substância, que ela suporta a segunda.¹³

Aqui são possíveis dois acentos: no primeiro, é designado como substância aquilo que é literalmente *ab-soluto*, aquilo que é em si e por si, que suporta sem ser suportado; no segundo, este “suportar” e “apoiar” são tomados como características. Com isso, ao lado da *ab-soluta* coloca-se uma compreensão relativa, uma referência (*Bezogenheit*). Esta referência não exclui, de modo algum, mas, pelo contrário, muito mais inclui, que existe também uma relação na direção oposta, isto é, que o acidente qualifica a substância. O acidente consegue fazer isso porque lhe cabe um ser específico e ele possui uma essência.¹⁴

Retornemos! No nr. 2 (p. 330b) Suárez tira dessa dupla raiz de b) tanto quanto lhe parece ser necessário. Se reconhecemos alguma coisa, então nossos sentidos defrontam-se primeiramente com os acidentes e pressupõem, de algum modo, de forma pré-reflexiva, que existe algo que os suporta, que existe um fundamento. Lá existe, pois, uma força – e esta é nossa forte suposição – que suporta sua figura, sua coloração, suas relações sociais, e que os situa no lugar e no tempo; deve haver por baixo uma unidade, uma entidade, que prende e ordena os acidentes e consegue conferir-lhes duração, porque ela mesma possui duração. Nós não calculamos, aliás, nós nos recusamos claramente a admitir

⁹ Assim também ARISTÓTELES. *Metafísica* VII, 3, 1028b 33-1029b 12.

¹⁰ ISIDORO de Sevilha. *Etymologiarum* II, 26.

¹¹ Utilizo o verbo “suportar” não no sentido de ‘tolerar’, ‘aguentar’, mas no de ‘servir de suporte para’ (N. do Trad.)

¹² Aristóteles diz, em *Metafísica* V, 8, que nós nomeamos muitas coisas (terra, fogo, água, objetos celestiais) mas também essências, não porque elas suportam algo ou porque estão como fundamento para outra, mas porque elas são os últimos sujeitos de enunciado, para o qual apontam todos os outros enunciados (1017 b, 13f.). Cf. na *Metafísica* de Aristóteles também os livros XII e VII (c. 1).

¹³ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 1: “sive hoc sit secundum rem, prout substantia substat accidentibus, sive secundum rationem, prout prima substantia substat secundae, quod alias dici solet subjectum inhaesionis, vel praedicationis, et ad rationem substantiae non sufficit hoc posteriori sine priori” (p. 330a).

¹⁴ FRANCISCO Suárez. *DM* XVI, Sectio I, nr. 4 (p. 567a): “accidentia, quae propriam habent entitatem distinctam a substantia, propriam ac veram exercent causalitatem formalem”. Não nos podemos ocupar com a pergunta, se existem para Suárez também outros acidentes.

que vão se desvanecer e que a disposição entre eles se modificará totalmente. E contemplamos quantificações, qualificações e relações da substância – para citar apenas três categorias –, como não-portadoras de si mesmas. A proveniência de cada homem não impede sua autonomia metafisicamente constituída. E tal como a ordenação exterior possui uma estabilidade, atribuímos essa estabilidade também à substância, que suporta os acidentes, como que se colocando atrás deles ou neles. Viesse ela a se modificar, modificar-se-ia cada acidente e toda ordenação entre eles; e viesse ela a desaparecer, eles também saberiam que sua existência estaria acabada. Entretanto, a nós homens não é possível nenhum conhecimento do ser da substância, pois o conhecimento começa com a apreensão sensível (também para Suárez). Somente a superfície exterior da substância – isto é, seus acidentes – pode ser imediatamente apreendida. O ser da substância só é atingido e atingível de forma mediata.¹⁵

“Deus” é o exemplo emblemático para uma substância que se mantém em si e por si mesma.¹⁶ Ele é perfeito, embora lhe falte algo que outras substâncias apresentam, isto é, a função de *hypokeímenon* mencionada sob b). Deus não possui nenhum acidente em si e não suporta nenhum. A seguir podemos pensar no homem: ele é uma unidade independente, que dirige a si mesma, que ilumina a si mesma, que se mantém em si e por si, embora, ao contrário de Deus, não seja uma substância que se produziu a partir de si mesma. Contudo, o homem possui acidentes.

Com o que Suárez possui, porém, maior dificuldade, segundo suas próprias palavras (nr. 3; p. 330b-331b), é com a). *Subsistere* pode significar “permanecer” ou “assentar o pé com firmeza”. Mas, então, o termo para “existir” e para “estar-continuamente-no-ser” se desenvolveu ainda mais (p. 331a); assim se diz, por exemplo: “malum non subsistere” (o mal não subsiste) e se entende que o mal não é propriamente um ser. Da mesma forma, poder-se-ia tomar a sério o *sub* de *subsistere*, e compreendê-lo, então, do mesmo modo, como “oferecer um fundamento para...” Mantenhamos, porém, com firmeza, desde agora, que em b), tal como também em a) com os verbos “permanecer” e “perdurar” foi introduzido um elemento temporal.

15 FRANCISCO Suárez. *DM VIII*, Sectio I, nr. 8: “unde, quando dicitur, intellectus tantum assentiri vero, sensus est, solum assentiri objecto, quatenus ita esse ostenditur; et hoc modo iudicat de veritate objecti, non formaliter (ut sic dicam), sed causaliter, seu fundamentaliter, id est, de ipso esse rei, ita ut ex conformitate ad illud veritas in cognitione resultet seu existat” (p. 277b). Cf. WALD. 1998, col. 507-21; a última indicação de página, sob a nota 34 deve ser corrigida; é a col. 277, em vez da “502f”.

16 Cf. tb. ARISTÓTELES. *Metafísica XII*, 6, 1071b 3-1072a 18.

Além das substâncias há, pois (nr. 4; p. 331b), também acidentes. Através dos acidentes, a substância não pode ser diminuída, aumentada ou partida. (p. 331b). Passemos do plano das coisas para o domínio do pensamento, e então reconhecemos: se a autonomia pertence essencialmente à substância, então esta não pode ser repartida sob um conceito de gênero em determinadas espécies, as quais levam sua autonomia a desaparecer, ou a atrofiam, ou a dilatam demasiadamente. Se assim fosse, não teríamos mais substância alguma.

B. Substâncias completas e incompletas

As substâncias podem dividir-se em completas e incompletas, em *substantiae completae* e *incompletae*. O que se entende, porém, por uma *substantia incompleta*? Na medida em que nela a *ratio substantiae*, a essência da substância, permanece intocada, divisões ou separações não a prejudicam, porque elas permanecem exteriores à essência. Aquele que fala de “mais completa” ou de “menos completa”, colocou para tanto uma medida ou característica que ora é utilizada de modo mais forte e ora mais fraco.¹⁷ Tomemos a característica “autonomia”. Ela não pode faltar de todo, pois, caso contrário, não se poderia falar de substância. Sob “substâncias incompletas”, segundo Aristóteles, devem-se compreender forma e matéria; elas são partes da substância, como, por exemplo, de “homem”. Unidas elas constituem a única substância “homem” (nr. 5; p. 331b). Também quando mesmo o homem, a seu modo, é novamente uma substância incompleta, contudo ele não é “parte” de um novo todo. No caso de forma e matéria como substância, deveria, porém, existir da mesma maneira uma autonomia e um “suportar”. É este o caso? – Uma substância, assim conclui Suárez o nr. 5, não poderia de forma alguma constituir-se de algo que não fosse de modo algum uma substância.¹⁸

¹⁷ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 4: “solum expressiorem conceptionem hujus vel illius rationis substantiae [...]” (p. 331b). Assim pode-se, então, falar de partição da substância, enquanto ela é colocada ante si mesma (muitas vezes?) através de divisões que lhe são intrínsecas, isto é, íntimas, porque conformes com sua natureza. “Dividitur ergo ibi substantia ad modum transcendentis per modos intrinsecos in quibus ipsa includitur [...]” (p. 331b). No nr. 5 cita ele, com Aristóteles, a substância plenamente abrangente, que tem em si diferenças nas quais ela, porém, não se acha incluída (p. 331b)! Tal substância “completa, tota et integra” é Deus. Quando Suárez fala a respeito da “substantia physice completa vel incompleta” (p. 332a), nunca se trata de um mais ou menos de intensidade ou de força dos acidentes!

¹⁸ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 4: “neque enim potest substantia ex his, quae omnino substantiae non sint, per se constitui” (p. 331b). Que, entretanto, uma substância pode ser predicada de uma outra substância é tratado por Suárez na *Sectio Secunda*.

Como “substância completa” é designado aquilo que é uma unidade de todo abrangente e em si de todo autônoma.¹⁹

Uma “*substantia physice incompleta*”, uma substância fisicamente incompleta, assim prossegue Suárez no nr. 6 (p. 332a), poderia se classificar como uma substância em devir, que, de certo modo, procura a própria completude, “*concurrens aliquo modo ad complementum eius*” (p. 332a). Não se trata de uma modificação colocada a partir de fora, nem de relações que se desenvolvem entre substância e acidente, mas de uma substância mesma que se encontra em desenvolvimento. Entende-se que ela, através de sua força interior, se desenvolve em direção a seu estado definitivo.²⁰

O motivo pelo qual se deve caracterizar uma substância como incompleta – seja ela composta de matéria e forma ou seja de natureza simples, como a dos anjos – provém, segundo Suárez, da comparação com o *suppositum*.²¹ Este é parte ou forma que, através da subsistência,²² é posteriormente aperfeiçoado e determinado.

C. A incompletude física e metafísica

Suárez amplia, no nr. 6, as subdivisões e trata, a seguir, da incompletude física e metafísica. A composição de natureza e supósito é, para muitos

¹⁹ FRANCISCO Suárez. *Op. cit.*, nr. 5: “Completa ergo substantia dicitur, quae est vel intelligitur per modum totius seu integrae substantiae, quae sola interdum quasi per antonomasiam substantia appellari solet [...]” (p. 331b). Sobre “completa”, cf. Aristóteles *Metafísica* V, 15, 1020b 26-1021b 11.

²⁰ FRANCISCO Suárez. *Op. cit.*, nr. 6: “seu ipsum fieri substantiale, prout est via ad terminum, aut dependentia ejus a sua causa; sic enim omnis motus, quatenus est via ad suum terminum, solet ens incompletum appellari, ut videre licet apud D. Thom. in 4, dist. 1, q.1, art. 4, quaestiuncul. 2. Deinde forma et materia, quae sunt partes physicae substantiae, sunt physice incompletae substantiae” (p. 332b).

²¹ FRANCISCO Suárez. *Op. cit.*, nr. 6: “Tota item natura, vel composita ex materia et forma, vel simplex ut angelica, comparata ad suppositum, est incompleta substantia, nam comparatur ad illud ut pars seu forma, quae per subsistentiam amplius completur et terminatur” (p. 332b). – Sobre “suppositum” cf. o artigo de KIBLE. 1998, col. 661-4. Segundo ela, *suppositum* é uma substância singular, completa e existente por si mesma; na obra de Suárez: *DM XVII*, p. 311 (*unio Verbi incarnati*); algo é acrescentado à natureza: *DM XVII*, p. 286, nr. 3; supósito cabe somente à substância completa. *DM XXVI*, p. 399, nr. 59.

²² Cf. sobre *subsistentia*: Vivès I, p. 593 (Trindade) e p. 641 (nr. 11-4); *XVII*, p. 441, nr. 5 (subsistentia in Deo?); nr. 21, p. 447: “est ratio per se existendi”, *XXVI*, p. 224; 367; 345 (nr. 18): outros termos são: “actualis modus per se existendi, seu ultimum terminum naturae substantialis, terminus naturae”; subsistência é “a forma peculiar às substâncias de ser por si mesmas”, assim diz no respectivo artigo HORN. 1998, col. 486-93 (491). A subsistência acrescenta-se ulteriormente, isto é, no decorrer do tempo, como um acréscimo à substância já existente. Tendo obtido a subsistência, a substância alcançou sua forma definitiva, seu fim (*ibid.*).

metafísicos, não uma composição física, como a existente entre matéria e forma, e sim uma composição metafísica (p. 332b). Por isso dever-se-ia nomear “natureza” e *suppositalitas* – cada qual tomada em si mesma – como substâncias metafísicas incompletas. Suárez serve-se, contudo, de uma outra denominação. Quando fala de “físico”, tem em mente algo que se encontra na realidade e não um produto do pensamento.²³ E o que significa aqui “metafísico”? Para as substâncias criadas, e é delas que trata Suárez, “metafísico” significa que elas podem ser apreendidas logicamente segundo gênero e distinção que constitui a espécie (p. 334b). Quando ele se refere a uma “substância fisicamente incompleta”, pensa que falta a ela, em seu ser na coisa mesma, algo que é imprescindível para a completude da substância dentro do gênero de substância.²⁴ Um homem é, portanto, uma substância fisicamente incompleta, porque ele, enquanto homem, se encontra sempre em desenvolvimento. Um homem que possui uma só perna também é, naturalmente, uma substância incompleta. Deve-se evitar, contudo, que seu próprio ser-homem seja tomado como incompleto; para tanto deveria ser examinado como é entendida “forma”, ou como esta incompletude atua sobre o conteúdo da substância segunda. Cabe perguntar: se Suárez conhece também uma substância completa, a qual é apreendida em devir? Visto que o próprio homem é uma substância incompleta, que outra substância entraria em consideração para tanto?

“Uma substância completa é sempre composta?”, pergunta Suárez (nr. 7; p. 332b). Certamente não, pois Deus (nr. 8) – ou o anjo (nr. 7) – é uma substância completa e totalmente simples. Deus não é dividido através das três Pessoas, nem as três Pessoas dependem, enquanto substâncias, da divindade. Não fora assim, as três Pessoas deveriam ser caracterizadas como acidentes. Entre as criaturas, porém, não se encontra nunca uma substância completa sem composição real. Deve-se distinguir entre a completude da substância em relação à sua natureza e à sua essência, e a completude com relação àquilo que cabe à substância como um todo, dentro de seu gênero, para sua completude. No primeiro caso, pois, é próprio de uma substância composta de matéria, que ela só possua sua plena essência com a composição física de sua essência. Para uma substância criada, enquanto tal, não constitui contradição que ela, por um lado, já possua sua essência completa e que, por outro

²³ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 6: “absque intellectus operatione” (p. 332a).

²⁴ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 6: “Atque ita substantiam physice incompletam vocamus, quae ex sua entitate in re ipsa non habet quidquid ad substantiae complementum intra ipsum substantiae genus necessarium est” (p. 332a).

lado, falte (ainda) precisamente na composição real de sua essência plena.²⁵

Resumidamente pode-se, pois, dizer que existem substâncias *fisicamente* completa e incompleta. Para a última servem como exemplo matéria e forma. A gota d'água, pelo contrário, é uma substância fisicamente completa. E há também as substâncias *metafisicamente* completa e incompleta (p. 334b; nr. 15-23). Em nível metafísico é incompleta toda substância que se define através de uma diferença. Uma substância metafisicamente completa é aquela que “é tudo em tudo”, que se relaciona em ordem com tudo.²⁶ Somente “Deus” é *substantia metaphysice completa!* (p. 335b, nr. 19). Porém, será que também o indivíduo não o é, ele que, enquanto indivíduo, não se compreende sob gênero e espécie (p. 335b; nr. 19)?

É possível (nr. 25) que uma substância seja incompleta devido a uma carência física. Faltar-lhe-ia então algo na integralidade (p. 337b). Porém, estaria fora de lugar trabalhar aqui com a analogia entre tal tipo de substância e a substância completa, visto que, nos dois casos, existe substância. E mesmo quando uma substância, devido a uma carência substancial, fosse incompleta, como, por exemplo, a “*humanitas carens propria subsistentia*” (p. 338 a), também aqui *humanitas* não deve ser compreendida em sentido análogo, mas sim unívoco. De fato, Suárez explica-a como uma essência completa (“homem”), que contém toda a entidade substancial do homem; por isso ela é “ens per se”. Falta-lhe, contudo, em nosso exemplo, uma determinada complementação modal, qual seja, a subsistência. Deve-se, sem dúvida, acrescentar que a “*humanitas*” não deve ser equiparada ao homem concreto.²⁷

Pode-se falar, assim diz o nr. 26, a respeito das substâncias essencialmente incompletas. Para se verificar, aqui, o que é essencialmente

²⁵ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 8: “At vero in creaturis nunquam reperitur substantia completa sine reali compositione. Aliud est enim loqui de complemento substantiae in ratione naturae vel essentiae; aliud vero in ratione substantiae secundum totum, quod intra genus substantiae ad suum complementum requirit. Priori enim modo proprium est materialis substantiae non habere completam essentiam sine physica compositione ipsiusmet essentiae [...]. At vero substantiae creatae ut sic non repugnat habere complementum essentiae sine reali compositione ejusdem essentiae” (p. 332b-333a).

²⁶ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 15: “Substantia ergo metaphysice incompleta est illa quae concipitur per modum partis metaphysicae, ut est, verbi gratia, differentia. Completa vero dicitur, quae est integra et totalis substantia, ut species ultima, verbi gratia” (p. 334b).

²⁷ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 25: “humanitatem quia includit totam essentiam, et totam entitatem substantialem hominis, et est simpliciter ens per se [...] solumque illi deest complementum quoddam modale [...]. Observandum vero est quod, sicut humanitas non est homo, ita neque dici potest substantia [...]” (p. 338a).

incompleto, necessário se faz que haja uma noção de completude e de partes essenciais; podem faltar uma ou mais partes (p. 338a). O próprio Suárez diz que, em certos casos, dificilmente ainda se pode falar em substância. Quando?

D. Substâncias completas e perfeitas

Sob o nr. 9, Suárez trata do significado de “completude” e de “perfeição”, no que se refere à substância e da relação entre ambas (p. 333a). Uma substância não precisa ser perfeita para ser completa. Noutras palavras, ela pode ser completa, sem ser perfeita (p. 333a). Para esclarecimento (p. 333b) serve a seguinte distinção: existe uma perfeição que se refere à essência ou à natureza, e uma que diz respeito ao supósito ou à subsistência. Uma terceira perfeição é a *perfectio integralis*, que é diferente de uma harmonia puramente accidental e uma incorporação de maneira substancial.

Tomemos um exemplo: a gota d’água derramada, por ser algo unido em si e autônomo, é uma *substantia physice completa* (e *perfecta*). Porém, tão logo uma outra gota caia sobre esta, e ela se torna, com isso, parte de uma gota quantitativamente maior que disso resultou. Podemos falar dela apenas como *substantia physice incompleta*, pois ela agora é apenas parte (“quia est tantum pars” – p. 333b; final do nr. 10). A gota d’água possui em si a essência da água (“para ser água não lhe falta nada”), bem como seu próprio supósito e alcançou, igualmente, por assim dizer, a finalidade que lhe foi interiormente imposta (“intrinsicum terminum suum”). Diferentemente da alma, a gota d’água não aspira à união com outra substância.

Já a alma, por sua natureza, aspira à união com o corpo; como parte projetada, ela deseja tornar-se parte do corpo [também como forma!], e, por isso, desde o início de sua existência, ela é sempre uma substância incompleta. Diferente é o que acontece com o Verbo divino, com a segunda Pessoa divina; ela é substância completa e perfeita e, por sua natureza, não está voltada a se tornar homem (“cum humanitate componere”). Porém, uma vez tornada homem, fica valendo que a divindade não depende, de modo algum, da humanidade, através da qual ela, a divindade, não sofre nenhuma mudança e na qual não se dissolve. Diversamente, a gota d’água, unida a outras gotas, sofre uma modificação e perde sua própria finalidade interior, que anteriormente possuía. Ela entra num estado comum, no qual as partes da água dependem, de certo modo, umas das outras. Assim, a gota modifica seu estado e perde seu status de perfeição bem como a denominação de substância completa (p. 334a; final do nr. 12).

A seguir, Suárez compara as duas relações, “incompleta e completa”, de um lado, “imperfeita e perfeita”, de outro (n 26; p. 338a).

Uma substância incompleta pode, conforme o caso, ser mais perfeita em muitas coisas que uma substância completa; mesmo quando o modo de conceber (*modus concipiendi*) é diferente e também, por seu gênero, é menos perfeita. Assim, por exemplo, “cavalo” é uma substância completa, mas em uma escala é menos perfeito que “ente racional”.

Nos dois últimos números, nr. 27 e 28 (p. 338b), Suárez passa a tratar daquela união singular que se encontra em Jesus Cristo, Deus tornado homem. Sua dignidade admirável e imensurável se encontra não apenas no fato de que o Verbo divino se tornou supósito da substância humana, mas porque com isso também a natureza humana se tornou criada e, concomitantemente, sobrenatural. Nesta substância (nr. 28; p. 338b), isto é, em “Cristo-Deus-Homem”, encontramos o criado e o não-criado unidos de modo maravilhoso.²⁸ E ainda: mais completa e mais perfeita é a substância puramente espiritual, mais incompleta e menos perfeita é, ao contrário, até mesmo aquela união única.²⁹ A natureza humana não se tornou uma substância completa, ela se tornou um (mero) vínculo, ou meio, através do qual, então, surge a substância completa, que nós chamamos de “Cristo-Deus-Homem”. Tais considerações levam a marca característica de uma filosofia que não se deixa subornar.

E. Resultado da Sectio I

Com o conceito de substância, Suárez divide o mundo, antes de tudo, em “substâncias” e “não-substâncias”. Esta última “multidão” contém também os acidentes; contudo, há também outras subdivisões. Com a ideia de substância unem-se questões da autonomia, da auto-organização, como também da autorresponsabilidade³⁰ do ente, bem como da pergunta por aquilo que é dependente desse ente.

²⁸ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 28: “Neque hoc est inconueniens, quia satis est quod sit minus perfectum quam illa substantia completa quae mediante tali modo constituitur, quae non est pure creata, sed ex re creata et increata mirabiliter composita” (p. 338b).

²⁹ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 28: “Sed, quamquam haec probabiliter sint dicta, non tamen sunt certa, nam omnis unio, hoc ipso quod tantum est quidam modus rei quae unitur, videtur esse in se diminutae entitatis et quasi respectivae; et ideo, licet unio hypostatica, ratione termini ad quem terminatur, habeat infinitam quamdam excellentiam et dignitatem, tamen in sese considerata in genere physico, non videtur tam perfecta entitas, sicut et substantia completa, prasertim intellectualis” (p. 338b).

³⁰ HESSEN. 1932, p. 11. Do mesmo modo, é pressuposto que todo objeto do pensamento é idêntico a si mesmo (Hessen, p. 12). Isso significa que ele permanece sempre em si mesmo, e não está continuamente se transformando em outro (sua mutabilidade seria, então, a única coisa que perdura).

O que podemos reter é que as duas distinções, uma entre “completo e incompleto”, a outra entre “perfeito e imperfeito”, de modo algum se sobrepõem, no sentido de que o primeiro membro de uma coincide respectivamente com o primeiro membro da outra, e assim seria a coincidência de “completo” com “perfeito”. De modo algum! Uma substância menos perfeita pode ser completa, e uma mais perfeita pode ser incompleta.

O olhar metafísico sobre a realidade é altamente diferenciado. Uma gota d'água é completa e, contudo, na escala, que vai do imperfeito ao perfeito, ela não alcança muito alto, pois lhe falta o importante elemento da *rationalitas*. Fogo e água, é verdade, superam a alma no que se refere à materialidade; no entanto, na ordem das substâncias, a materialidade é a mais imperfeita; a *anima* supera os mencionados entes (fogo e água), contudo apenas se a forma for tomada em consideração, pois é ela que determina a diferença de grau e de ordem da substância: a alma é *spiritualis* e *intellectualis*.³¹ A alma é, ao mesmo tempo, incompleta, enquanto não se transforma em *forma corporis*, e também então ela pertence ao homem, que continua imperfeito, e só se torna perfeito com o pleno desenvolvimento de sua substância.

Com isso a realidade se abre ao olhar metafísico com quatro combinações: substâncias perfeitas e completas, substâncias perfeitas e incompletas, substâncias imperfeitas e completas, e substâncias imperfeitas e incompletas. Suárez é um pensador da diferença, partindo de unidades pressupostas, as quais, contudo, por sua parte, são conhecidas primeiramente através das diferenças.³² Seu modo de colocar o problema é estritamente metafísico, tal como o procurou fazer Aristóteles e, por isso, considerações social-filosóficas sobre convivência, dignidade, geração ou descendência não se apresentam a ele nesse contexto.

F. A Segunda Secção trata das substâncias primeira e segunda

1. Também aqui nos acompanham as distinções entre substância primeira e segunda, entre conhecer e querer, entre o que foi encontrado e o que primeiramente deve ser projetado, a separação em intenções

³¹ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 26: “Nihilominus tamen accidere posse, ut aliqua substantia incompleta, sit simpliciter nobilior, et excellentior intensive quam aliqua completa; anima enim rationalis simpliciter nobilior est quam terra aut ignis, quamquam hae sint substantiae completae, illa incompleta. Hae namque substantiae solum superant animam in materia, quae imperfectissimum quid est in ordine substantiae; ipsa vero anima superat talia entia in differentia formali et in gradu et ordine substantiae, quoniam spiritualis est et intellectualis, qui excessus multo praestantior est in perfectione intensiva.” (p. 338 a)

³² Uma mais aprofundada comparação com as ideias do teórico de sistema Niklas Luhmann (1927-1998) deve ser reservada para trabalhos posteriores.

primeiras e segundas, aqui a realidade, ali o campo da razão; aqui o conceito objetivo, ali o conceito formal. Também aqui Suárez faz diferenças.

2. Tema da Segunda Secção (p. 338b-347b) é a pergunta se é possível dividir corretamente a substância – entendendo-se o conceito de substância – em substância primeira e substância segunda. Com isso trata-se, na Segunda Secção, inicialmente, de esclarecer o que são “substância primeira” e “substância segunda”, e qual a relação entre elas. O que são comunidades, quais são as diferenças, qual o fundamento da divisão ou da distinção? Comum a ambas as substâncias é a característica de não estarem em um sujeito. Porém, o que as diferencia?³³

3. Sigo os números dos capítulos!

(2.) A substância primeira nada mais é do que a substância individual e singular. A substância segunda, porém, é a comum, isto é, aquela substância cuja característica é abstrair do que é individual.³⁴ “Pedro” é substância primeira, “homem” é substância segunda, e de “homem”, como substância segunda, pode então ser extraído “vivo”.

As perguntas de Suárez são: 1. (3.) Trata-se de uma divisão real ou de uma divisão apenas elaborada pela razão (*divisio rei vel rationis*)?

Resposta 1: é mister distinguir se está se falando sobre o sujeito, ou sobre aquilo que nele se encontra. Limitar-se (nr. 7) apenas às segundas intenções é muito pouco para a prática da metafísica. Já Aristóteles observava que a substância, que se encontra na substância primeira e na substância segunda, não se refere a uma relação de razão, mas se caracteriza por uma verdadeira *proprietas subsistendi*.³⁵ A substância que suporta acidentes visíveis, reais, deve ela mesma ser real. Do mesmo modo dever-se-ia observar que *uma* coisa é afirmar a autonomia da substância; contudo, *uma* outra coisa é predicar uma substância de outra; o “non esse in subiecto” não exclui o “dici de subiecto”.³⁶

³³ FRANCISCO Suárez. Op. cit., Sectio II. “Commune est omni substantiae in subiecto non esse” (XXVI, Nr. 1, p. 339a)

³⁴ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 2: “substantia prima nihil aliud est quam substantia singularis; substantia vero secunda est substantia universalis, seu abstrahens ab individuatione” (p. 339a).

³⁵ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 7: “nam ille [Aristoteles] non declaravit rationem substantiae, quam in prima et secunda reperiri supposuit, per aliquam relationem rationis, nec similiter per denominationem aliquam sumptam ex conceptibus nostris, sed per proprietatem realem subsistendi in se, quam per illam negationem declaravit, non esse (scilicet) in subiecto” (p. 340b).

³⁶ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 7: “Neque enim dici potest quod illam etiam negationem sumpserit in ordine ad secundas intentiones, ita ut non esse in subiecto idem sit quod non praedicari de subiecto, nam in hoc sensu falso diceretur commune esse omni substantiae in subiecto non esse; secundis enim substantiis hoc non conveniret, cum praedicentur de primis vel de inferioribus substantiis” (p. 340b).

Resposta 2: não se deve falar, diz Suárez, de divisão ou de hierarquia, mas sim de ordenação! De fato, a substância primeira e a segunda não se distinguem, como foi demonstrado acima, mas são idênticas. Por isso, em nosso caso, não pode haver nenhuma distinção real (nr. 5), mas uma fileira ordenada, isto é, um enfileiramento, tal como ordenamos, umas após as outras, letras, sílabas, palavras etc., ou agrupamos simples soldados, centuriões, oficiais, generais (os exemplos são apresentados por mim). Além disso, Suárez fala das intenções das coisas para se juntarem e ficarem ligadas entre si, e do mesmo modo menciona a intenção do sujeito e do predicado em constituir uma frase (nr. 6; p. 340ab).

A substância primeira e a segunda deixam-se distinguir conforme a sua participação, que é de todo real e não se refere à atividade de compreensão e às relações de compreensão, isto é, não se refere às segundas intenções. A participação é uma qualidade, qual seja a de “existir por si mesma”, o que não significa “ter criado a si mesma”; juntamente foi-lhe entregue uma autonomia. A substância primeira possui essa qualidade (nr. 10) *primo et per se* e, através disso, ou por causa disso, ela é precisamente substância primeira. Em primeiro lugar, existem os singulares e eles se encontram primeiramente ali para servir de suporte aos outros, por exemplo, os acidentes; essa qualidade cabe à substância segunda apenas através da primeira, isto é, por mediação.³⁷ A substância segunda não possui, pois, uma “vida própria” separada.³⁸ Assim subsiste em Pedro “o homem”, real e não imaginado; “homem” não é nem um outro homem e nenhuma outra essência em Pedro, muito mais Pedro é homem.³⁹

³⁷ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 10: “[...] una, id est, prima substantia, primo ac per se habet illas proprietates, quod ex eo provenit, quod substantia singularis ac individua est, nam, sicut singularia sunt, quae per se primo existunt, ita etiam per se primo subsistunt et sustentant accidentia; altera vero, id est, secunda substantia, solum per primam illas proprietates participat. Quod enim illas participet patet, tum quia est substantia, tum etiam quia sub se continet primam substantiam, et in ea intime et essentialiter existit” (p. 341b-342a).

³⁸ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 10: “Unde necesse est ut quod primae substantiae convenit in re, conveniat etiam secundae, saltem mediante prima. Quod vero non aliter conveniant illae proprietates secundae substantiae nisi per primam patet, quia non existit nisi in prima, neque enim subsistit per se separata. Unde recte D. Thom., q. 9 de Potentia, a. 1, ad 5, ait subsistere attribui generibus et speciebus, non quia subsistunt (scilicet, extra individua), sed quia individua in eorum naturis subsistunt” (p. 342a).

³⁹ FRANCISCO Suárez. Op. cit., nr. 11: “Homo enim et Petrus ratione quidem distinguuntur; tamen eo modo dicitur homo subsistere in Petro, quia eadem realis subsistentia Petri est etiam realis subsistentia naturae humanae; et similiter eadem capacitate seu virtute qua Petrus substat albedini, substat etiam homo. Sicut existere potest dici commune praedicatis singularibus et universalibus, non communitate rationis et abstractionis, sed rei, quia eadem numero existentia qua singulare existit, et universale. Iuxta hunc ergo modum non est difficile intelligere divisum commune primae et secundae substantiae” (p. 342b).

Conclusão

Suárez vem a nosso encontro como um pensador da diferença, como alguém que quer decifrar a realidade e que acentua a ligação com o passado da inteligência acerca da realidade. Sua metafísica oferece como imagem do mundo uma concatenação de unidades autônomas e não-autônomas bem como elementos que carregam e são carregados, isto é, também aqui pode-se dizer: de unidades.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. Bekker.

FRANCISCUS Suárez. *Opera Omnia*. Org. por A. D. André/Ch. Berton, Paris. (Citado segundo a edição: Vivès) 186ff.

HESSEN, J. *Das Substanzproblem in der Philosophie der Neuzeit*. Berlin und Bonn: 1932.

HONNEFELDER, L. *Scientia transcendens*. Hamburg: Felix Meiner, 1990.

HORN, C. "Subsistenz". In: *HistWBdPh*. Bd. X, 1998, col. 486-93.

ISIDORO de Sevilha. *Etymologiarum*. Apud: FRANCISCO Suárez. *Disputatio Metaphysica XXXIII*, nr. 1.

_____. *Differentiarum*. Apud: FRANCISCO Suárez. *Disputatio Metaphysica XXXIII*, nr. 1.

KIBLE, B. "Suppositum". In: *HistWBdPh*. Bd. X, 1998, col. 661-4.

SEIDL, H. "Substanz". In: *Theologische Realenzyklopädie*. Bd. XXXII, Berlin-New York: 2001 p. 293-303.

WALD, B. "Substanz. II". In: *HistWBdPh*, vol. X Darmstadt, 1998, col. 507-21.

Tradução do alemão de
Luis Alberto De Boni